**Faculdade Norte Capixaba do Espírito Santo Multivix – São Mateus
Curso de Psicologia**

**Gerusa Helena Rodrigues Hermsdorff
Julia Pinheiro Santo Silva
Vanessa França Gineli**

Melancolia, o luto não elaborado

**SÃO MATEUS
2021**

RESUMO

O presente trabalho busca abordar sobre como se configura a dinâmica da melancolia, a perda do objeto querido e como a elaboração ou não elaboração do luto pode afetar o sujeito, partindo do pressuposto que o processo da perda é inerente a todos, sendo este uma ação natural do ciclo da vida. Este artigo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e natureza descritiva, que utiliza de pesquisa bibliográfica como apoio. Busca-se propor através desse estudo uma compreensão abrangente sobre a relação do sujeito com a perda e o quanto o mesmo é afetado diante a essa abstração. Ademais, é proposto elucidar se há diferenças entre o luto em si e a melancolia, e quais são essas possíveis diferenças na sua dinâmica e instalação.

Palavras-chave: Morte; Luto; Elaboração; Melancolia.

ABSTRACT

This paper seeks to address how the dynamics of melancholy, the loss of the dear object, are configured. The elaboration or non-elaboration of grief and how it can affect the subject, assuming that the process of loss is inherent to everyone, which is a natural action of the life cycle. This article is research of qualitative nature and descriptive nature, which uses bibliographic research as support. The aim of this study is to propose a comprehensive understanding of the subject's relationship with loss and how much it is affected by this abstraction. It is also proposed to elucidate whether there are differences between mourning itself and melancholy, and what these possible differences are in its dynamics and installation.

Keywords: Death; Grief; Elaboration; Melancholy.

1. INTRODUÇÃO

Com a chegada da pandemia do COVID-19, o mundo se viu em uma nova realidade trazendo à tona sentimentos em comum a todos como: medos, inseguranças e incertezas. Em um breve espaço de tempo, o mundo inteiro por estratégia de biossegurança adotou como medidas o isolamento e o distanciamento social, como tentativa de contenção da contaminação em massa. Sendo assim, essa mudança de rotina da sociedade atravessou a todos de forma em comum e coletiva.

Durante a pandemia expressa parcela das pessoas se viram vulneráveis acerca das mortes causadas pelo vírus de propagação mútua e letal, vivenciando momentos dolorosos individualmente e coletivamente, se deparando com a morte de entes queridos sem a possibilidade de se despedir. O fato de não poder se despedir levou as pessoas a um choque, uma sensação de impotência, desânimo e esmorecimento, causando um sofrimento psíquico (CABRAL, et al., 2021).

Diante desse contexto atual, o luto e a melancolia se tornaram mais presentes. Com isso, este trabalho visa pesquisar tal tema, trazendo de forma coesa o que é a melancolia a partir da perspectiva psicanalítica, bem como a não elaboração, suas consequências, fases e a importância da elaboração da perda.

Através de um estudo bibliográfico à luz teórica de FREUD (1915), (1917), CIOFF (2015) e KUBLER-ROSS (1969) abordara-se a priori sobre o luto para conhecermos seus estágios, conceito, desenvolvimento, entre outras especificidades agregadas ao enlutado, assim como a partir de qual momento reconhece-se a não elaboração do luto e qual a consequência do processo.

A posteriori, será evidenciado sobre a perda do objeto amado pela pessoa enlutada, como o fato das diversas reações que o enlutado pode ter e como elas influenciam na elaboração do luto.

Ademais, no tópico que tange o título do estudo: Melancolia, o luto não elaborado, discutira-se acerca da melancolia sobre sua diferença em relação ao luto e como seu diagnóstico é de extrema importância para o início do tratamento.

2. O LUTO

De acordo com as estatísticas disponíveis no site do ministério da saúde do governo brasileiro, apontam que diante do cenário inicial da pandemia, até o presente momento, a perda de mais de seiscentas mil vidas causadas pelo COVID-19. Esses dados (Ilustração 1) evidenciam o quantitativo de famílias que foram expostas ao sofrimento.

Ilustração 1 – Dados demonstrativos da quantidade de vítimas da COVID-19

Região	População	Casos Novos	Casos Acumulados	Casos Acumulados 100mi	Óbitos Novos	Óbitos Acumulados
Totais	210.147.125	10.693	21.804.094	10.376	232	607.694
Sudeste	88.371.433	3.088	8.518.519	9.639	110	288.789
Sul	29.975.984	3.934	4.236.663	14.134	64	95.646
Nordeste	57.071.654	2.166	4.845.366	8.490	34	118.046
Centro-Oeste	16.297.074	920	2.339.514	14.355	16	58.388
Norte	18.430.980	585	1.864.032	10.114	8	46.825

Fonte: Ministério da Saúde

Devido as perdas causadas pela pandemia, sentimentos de medo e pânico foram incitados. Sendo necessário usar como recurso para a contenção da contaminação populacional o isolamento e distanciamento social, se tornando algo primordial para a segurança de todos, já que o mundo não estava preparado para o enfrentamento de tamanha magnitude. Sendo assim, essa mudança na rotina deixou marcas, como o luto experimentado pela morte de um ente querido ou a perda de um objeto amado (DANTAS, et al., 2020).

O luto é um processo o qual o sujeito está propenso a passar, de acordo com Freud (1917), há uma reação diante da perda de um ente querido ou de alguma abstração que ocupou o lugar desse objeto amado. Mas também pode surgir a partir da perda de algo abstrato e subjetivo, como por exemplo, a não realização de um sonho, ou término de um relacionamento e até mesmo a perda do emprego.

Sabe-se que o luto não se trata de algo patológico, considera-se que após um dado tempo ele é superado, é uma fase, um lapso pela perda. O luto é um processo penoso, doloroso e carregado de tristeza, porém cada sujeito reage de maneira singular.

Embora o luto desencadeie vários sentimentos e atitudes que não parecem normais para com a vida, não é considerado uma patologia que deva ser tratada. Assim como a criança passa por etapas para seu desenvolvimento saudável, as etapas do luto precisam ser vivenciadas para que não ocorram traumas ou prejuízos futuros. (CIOFFI, 2015, p. 10)

É aprendido que a morte existe, é comum e inevitável, porém, quando é este o assunto há uma pré-disposição natural em silenciar-se, ou seja, ninguém se imagina morto, inconscientemente se é convencido da sua imortalidade. Segundo Freud, é possível lidar com a perda com mais naturalidade quando se trata de morte por idade ou doença, mas não uma morte inesperada, como vem ocorrendo desde o início da pandemia, o que acaba causando desconforto e negação, gerando o sofrimento psíquico pela perda do objeto amado, que conseqüentemente é o que se chama de luto e melancolia (FREUD, 2009).

Os fatores que principalmente podem prejudicar um curso normal de luto são o tipo de morte, as condições do aparelho mental do enlutado para enfrentar essa perda e a quantidade de perdas sequenciais (comumente encontramos uma soma de perdas em pacientes idosos). (CIOFFI, 2015, p. 15)

A pessoa enlutada vivencia uma confusão entre presença e ausência, não consegue distinguir presente e passado, e nem entender que o mundo em que está vivendo não poderá ser compartilhado com a pessoa amada, se tornando estranho e sendo assim uma manifestação dolorosa entre o reconhecimento e a negação da perda. (CARNAÚBA, PELIZZA, CUNHA, 2016).

Em cada período do desenvolvimento humano, deparamo-nos com perdas e um subseqüente luto, que tem como base a valorização afetiva associada. Renunciar ao seio materno, à relação sexual com os pais e a cada ligação encontrada no desenvolvimento libidinal exemplificam lutos constantes necessários e normais ao amadurecimento psíquico. (CIOFFI, 2015, p. 09)

Ressalta-se a importância de uma rede de apoio para o sujeito que está enfrentando o luto. O profissional de psicologia exerce um papel importante nesse momento, pois utilizará dos seus conhecimentos científicos para auxiliá-lo na sua dor.

Para mostrar a importância do luto no processo psicoterápico selecionei duas fases: elaboração e término, nas quais a perda e a separação são evidentes. As bases teóricas se baseiam principalmente na psicanálise, e por esse motivo ficam um tanto quanto interligados seus conceitos com a psicoterapia de orientação analítica, mas não existem dúvidas de que essas bases se aplicam também à essa modalidade psicoterápica. (CIOFFI, 2015, p. 17)

3. A PERDA DO OBJETO AMADO

Segundo Freud, o luto pela perda do objeto amado é um grande enigma, que está figurado como natural, porém, algo difícil de ser explicado. Aprende-se a amar aquele objeto que domina a libido, e que durante seu desenvolvimento é levado para o próprio ego. Sendo assim, ainda no início do seu desenvolvimento a libido desvia do ego para o objeto, mas se esse objeto for abatido em sua habilidade para amar, a libido substituirá outro objeto ou voltará para o ego, (FREUD, 1916).

No decorrer do desenvolvimento humano o sujeito pode lidar com várias questões relacionadas ao luto. Uma vez que partindo do pressuposto no qual o luto como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, entende-se que a perda de algo amado, é ampla, e não precisa estar necessariamente ligada a algo físico, deste modo, não se trata do que se perdeu, mas sim, que algo amado foi perdido. “É um fenômeno mental natural e constante no processo de desenvolvimento humano” (CAVALCANTE, SAMCZUK e BONFIM, 2013, p.87). Entende-se que o luto pode acontecer várias vezes ao longo da vida do sujeito, por diferentes perdas. Os efeitos do luto são inúmeros e cada pessoa reage de forma única mediante a sua dor, a faltado outro e seus sentimentos.

Mesmo sabendo que a morte é um processo natural, incontestável e inegável, o sujeito tem em si uma disposição evidente de evitar falar, se colocar no lugar, ou imaginar a perda do objeto de amor. Seria impossível fazer dela uma ideia, porque no fundo ninguém acredita e nem quer acreditar que um dia vai morrer, inconscientemente há um instinto de imortalidade, (FREUD, 2009).

Quando aquele objeto amado já não está mais disponível, toda libido investida nesse objeto é rompida assim como todas as ligações afetivas. Muitas vezes provocando uma realidade dolorosa, podendo ser difícil pensar e aceitar essa perda, fazendo assim um prolongamento psíquico que levará tempo para se tornar realidade.

Como já exposto acima, há uma gama de conceitos sólidos e coesos a respeito de como se estrutura o processo de enfrentamento do luto, bem como, as características que o define. Porém, quando se fala da configuração do processo de enfrentamento do luto por perda repentina é possível observar uma discrepância no processo de enfrentamento de ambos.

Segundo Habekoste e Areosa (2011), pessoas que passaram pelo processo de perda repentina tem mais probabilidade em desenvolver quadros de melancolia e

ansiedade em estágios mais profundos, isso se dá pela necessidade que o sujeito tem de tentar encontrar uma forma de lidar com uma nova rotina e estilo de vida de forma tão abrupta, por outro lado a melancolia tem uma função psíquica e emocional que pode estar ligados a ansiedade. A ansiedade nesse caso, é a consequência da capacidade, habilidade que o sujeito tem de lidar com a perda nesse tipo de situação.

3.1 ESTÁGIOS DO LUTO

O luto pode ser um processo complexo, e árduo. Dentro das literaturas e abordagens na psicologia há algumas formas de se compreender, de olhar para esse processo. Uma das teorias mais difundidas é a dos cinco estágios do luto, desenvolvida pela psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross.

Segundo Kubler-Ross (1969), o luto possui cinco estágios: o da negação e isolamento, a raiva, a barganha, a depressão e aceitação. O primeiro estágio é o da negação e isolamento, quando uma pessoa recebe a notícia referente à perda do objeto querido, essa pessoa primeiramente se recusa a acreditar que o que está ouvindo é uma verdade, cria-se uma defesa transitória e aos poucos a mesma irá se desarmando e se recuperando aos poucos do choque da notícia.

O segundo estágio é o da raiva. Nesse estágio a negação é substituída pela raiva, os sentimentos dessa pessoa são revelados através da perturbação, inquietação, irritação, rancor e mágoa. É importante salientar que esse sentimento pode ser um alívio para melhor aceitação desse luto.

O terceiro estágio é o da barganha, nesse estágio o enlutado esforça-se para negociar seus medos frente à perda, crendo que suas crenças podem ajudá-lo a mediar à dor na situação da morte.

O quarto estágio é o da depressão, nesse estágio o enlutado se prepara para concordar ou reanimar-se, esse seria o período em que o lutado se aproxima da aceitação, e começa a repensar na sua vida. Nesse estágio podem surgir vários tipos de luto, podendo ser a perda do emprego, dinheiro e outros.

O último estágio é o da aceitação, é quando o enlutado consegue nomear e expressar seus sentimentos, suas emoções, sensações, decepções e insatisfações. Faz com que o enlutado se torne uma pessoa mais reflexiva, sendo assim, evidencia com tranquilidade seus sentimentos mediante a situação vivida, conseguindo assim

repensar sobre a vida. Esse estágio se torna mais difícil quando o enlutado persiste muito tempo na negação em relação à morte (CARNAÚBA, PELIZZA, CUNHA, 2016).

De acordo com essa abordagem as maneiras de enfrentamento do luto por morte repentina, se estruturam de forma diferente, de maneira mais ampla em relação a visão proposta por Kübler-Ross, sobre as cinco fases do luto. O luto não precisa ou deve necessariamente se estruturar em fases e obedecer a uma ordem cronológica de acontecimentos, é um período de adaptação que o sujeito passa para conseguir lidar com a perda do objeto amado. Esse período precisa ser respeitado e vivido de maneira particular, fatores ambientais e externos podem ter influência direta na percepção e enfrentamento do luto.

É necessário aceitar os limites do controle sobre as questões de vida e de morte. Não se pode detê-la, nem trazer de volta um ente querido. A partir do momento em que o enlutado dar-se conta desta finitude e relatar sua perda sem dor, pode-se dizer que o processo de luto está encaminhando-se para uma reestruturação de vida, mesmo permanecendo as lembranças do falecido, caso contrário, o luto e a adaptação de uma perda inesperada poderá jamais ser resolvida”, (HABEKOSTE; AREOSA, 2011, p. 200).

Considerando todo o exposto acima, vale ressaltar que de acordo com GRINBERG (2000), citado por CIOFF, (2015), o trabalho de luto e o trabalho de elaboração analítico têm em comum a necessidade de aceitar a realidade e a frustração associada a ela, o que conduz ao insight e ao juízo da realidade, sendo todas etapas penosas e sofridas, com isso, é relevante considerar que cada sujeito tem o seu processo individual de elaboração do luto, que o levam a um esforço de reorganização libidinal pessoal, causado pela perturbação emocional com a perda do objeto amado de maneira imprevista.

3.2 PROCESSOS DO LUTO

O processo de instalação do luto é considerado árduo e demorado, pelo gasto de energia realocada que há no processo de desligamento da libido em direção ao objeto amado que foi perdido. Esse desligamento ocorre gradualmente por meio de cada lembrança e expectativa, acessada relacionada ao objeto perdido. Diante disso, “[...] tem instalado para elaboração de uma perda consistindo no desligamento da libido e a cada uma das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido, por isso, é considerado um processo lento e penoso” (CAVALCANTE, SAMCZUK e BONFIM, 2013, p.94).

Dessa forma, o trabalho do luto é finalizado quando há o desligamento total dessa libido em relação ao objeto perdido. A realidade se sobrepõe, o ego se ver livre desinibido outra vez, logo, “[...] Portanto, o trabalho do luto é concluído quando a realidade prevalece e quando atingido certo grau de catexia, a libido é desligada e o ego se ver livre e desinibido outra vez” (CAVALCANTE, SAMCZUK e BONFIM, 2013, p.95)

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc. Sob as mesmas influências em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas de uma disposição patológica. É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como o estado patológico nem o encaminhar para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal na vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo. (FREUD, 2016, p. 208)

Mas poderá suscitar alguns danos físico e nesses casos há grandes possibilidades de tornar uma patologia, devido à não elaboração em relação conceito de melancolia apresentado por FREUD (1915), no qual sustenta que os mesmos sintomas do luto, menos por uma perturbação na autoestima, pois o melancólico se autodeprecia exageradamente, apresenta um estilo mais inconsciente e ideal, pois não tem noção do que de fato foi perdido já que a perda nesse caso não está vinculada somente a morte física do sujeito (CAVALCANTE, SAMCZUK e BONFIM, 2013).

Um fator preocupante é quando uma pessoa não evidencia um movimento de superação, permanecendo um tempo maior na negação, pois precisará muitas vezes de auxílio profissional para conseguir se erguer e novamente assumir a direção da sua vida. Visto que quando o indivíduo não elabora o luto, muitas vezes terá a sua rotina, sua socialização/relações e até mesmo a sua saúde física afetada. Ressaltando que o luto não é patológico.

3.3 ELABORAÇÃO DO LUTO

Tanto o luto quanto a melancolia estão conectados a perda do objeto querido, os sintomas podem ir além da tristeza, desânimo e desinteresse, os quais são os mais evidentes, como por exemplo: a baixa autoestima. Quando uma perda não é acolhida de forma devida, e não há uma elaboração no processo desse luto, essa perda acaba não tendo um significado e a pessoa não vive de fato o luto, o enlutado acaba sentindo um vazio melancólico. Para que o indivíduo elabore o processo de luto é preciso um

investimento libidinal, que é uma energia que faz com que esse indivíduo experimente sua angústia diante da perda para que consiga superar e se adaptar essa perda (PEREIRA, 2021).

Num processo de mudança, entende-se que perdas ocorrem, deixam-se velhos modelos para adquirir novos. Por essas perdas encontramos um trabalho de luto realizado pelo paciente, visto que com um olhar diferente sobre a sua realidade mudam-se maneiras de funcionar e abandonam-se sintomas para obter formas menos desgastantes e mais saudáveis de se viver. (CIOFFI, 2015, p. 17)

Na melancolia os traços vão além da dor penosa, há uma extinção de interesse pelo mundo externo, uma perda da capacidade de amar, baixa autoestima que faz com que o sujeito se autodeprecie, degradando-se e acabando-se em uma expectativa delirante de punição. A perturbação da autoestima está ausente no luto, o que permite compreender e diferenciá-la, já que muitas características em algumas pessoas influenciam no desenvolvimento da melancolia, que no lugar do luto suspeita-se de que essas pessoas possuem uma pré-disposição patológica (RIVERA, 2012).

Com isso percebe-se que o luto é um processo duradouro e sofrido, e que requer um grande empenho para que haja uma elaboração, pois é um processo que todos irão vivenciar para elaborar a perda do objeto. Uma vez que não se detém somente a morte de um ente querido, mas as perdas recorrentes significativas, ou seja, a pessoa enquanto sente a sua dor toma consciência de que poderia ser ela a ocupar esse lugar, nascendo um sentimento de revolta que na verdade se tratava do seu *EU* sofrendo pela perda do objeto amado, entende-se que não é possível se afastar da morte, mas que também seria impossível se imaginar morto (FREUD, 2009).

A maturidade que o processo analítico pode oferecer às pessoas melhora as suas condições de vida. A habilidade de resolver problemas pode estar relacionada a uma capacidade de enfrentar perdas e consequentes lutos que voltam a ocorrer na psicoterapia, o que é essencial de ser atentado pelos terapeutas nos tratamentos dos seus pacientes. (CIOFFI, 2015, p. 20)

Freud (1915) em “luto e Melancolia”, diz que o luto exige da psique porque a libido precisa se desligar do objeto perdido, consumindo energia catexal e do tempo. Essa energia catexiana seria um elevado narcisismo por parte do corpo, ao qual sente a dor. Diante da sua dor, a catexia está concentrada na perda do objeto querido, transmitindo da dor física para a mental. Cada lembrança que está vinculada ao objeto

é evocada, se o fim for natural mesmo com pesar é liberado o *EU*, aceitando o objeto perdido e colocando outro no lugar. (CABRAL, et al., 2021).

Conforme me propus no início do trabalho, revisei os conceitos de luto de autores consolidados. Foi visto que o luto é um processo normal, que pode se classificado em tipos diferentes, mas com características em comum. Esse processo, na perda de um ente querido, exige que o enlutado realize o teste de realidade e a tarefa de deslocar os investimentos feitos naquela relação com a pessoa perdida para outros objetos. Dessa forma, e por ser uma situação de imensa aflição pelos laços desfeitos, é feita pouco a pouco pelo enlutado. Baseado nessas informações, devemos ter cuidado para não classificar precocemente processos de luto como disfuncionais e, ao mesmo tempo, estar atentos para pessoas mais propensas a apresentarem lutos complicados. O luto normal só deve ser acompanhado e nunca tratado como doença clínica ou mental. (CIOFFI, 2015, p. 19)

Após o desligamento da libido percebe-se que o sujeito elaborou o luto, sendo importante para compreender a dimensão dessa perda, que por mais dolorosa e sofrida que seja, culmina na realocação da libido investindo a energia em outro objeto.

4. MELANCOLIA: O LUTO NÃO ELABORADO

Segundo Freud (1915), a melancolia se caracteriza por um profundo desânimo, desinteresse por coisas que envolvam o mundo externo e diminuição da autoestima. Ressaltando um produto de uma grande diminuição do seu ego, ao contrário do que ocorre no luto, já que esse empobrecimento ocorre no mundo externo, deste modo, enquanto no luto existe um objeto perdido na melancolia o objeto nem sempre é algo definido. Pode-se dizer que a melancolia é um estado patológico do luto, o sujeito entende que o ego é desprovido de valor, não sendo apto para qualquer realização, é desprezível moralmente, espera ser sempre banido ou castigado, está sempre se humilhando e não se vê como alguém bom para ser amado. “Os primeiros autores ao tratar do assunto usaram o termo melancolia para o luto que não caminha pelo curso normal de elaboração; atualmente a maioria dos autores trata esses casos como enfermidades depressivas”. (CIOFFI, 2015, p. 14)

O melancólico exibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto - uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível (FREUD, 1917).

Esse delírio de inferioridade geralmente se relaciona com insônia e pela negação de se alimentar, o que transpassa o instinto humano de se apegar a vida. Não é o fato desse objeto amado ter morrido, mas o que essa perda significou, o que essa perda tirou, deixando no lugar um vazio. No estado melancólico o “eu” se rebela não se conformando. Se trata como objeto no lugar da perda, tem baixa autoestima, perdendo sua capacidade de amar, se autodeprecia, direcionando a si mesmo a punição.

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e auto-insultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD, 2011, p. 47).

Para distinguir e admitir a perda, é preciso olhar para o próprio egoísmo narcisista, pois a morte provoca dores que são construídas de certezas em colunas ilusórias, colocando o sujeito fragilizado frente a vulnerabilidade, para a contradição e a fragilidade do próprio discurso. Sendo levados a enxergar o próprio vazio, e degradar-se olhando somente para si e aceitar como condição as fraquezas, (FREUD, 1916).

Enquanto no luto o sujeito lamenta pela perda do objeto amado, na melancolia o sujeito se acusa apontando para si, afirmando que o que foi perdido, foi embora levando uma parte de si. Essa ferida que ficou aberta leva a uma identificação narcisista por esse objeto. Na melancolia o sujeito diante dessa perda abre um caminho de regressão ao narcisismo, no momento da construção do *EU* ideal que é manifestado para além desse objeto, não reconhecendo essa perda, absorvendo de forma inconsciente, (FREUD, 1916).

O melancólico se nega a realidade exterior, como se o objeto estivesse agarrado em si, uma psicose ilusória de desejo, o que para ele o objeto de amor não morreu, mas foi perdido. No luto, pode-se nomear essa perda de maneira mais consciente, já na melancolia é inconsciente, não representada. FREUD (1917), nota-se a partir disso que existe uma predisposição patológica para o desenvolvimento da melancolia, sendo desse modo outra característica que a diferencia do luto. Freud em um dos seus escritos afirmou que: “Entretanto, em algumas pessoas – que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica – sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto” (FREUD, 1917[1915]/2006).

Em relação à melancolia, Freud (1915), revela que no próprio ego (interno) é esvaziado por instância, no luto é esvaziado pelo interesse que está no mundo (externo). É entendido precisamente no sentimento de pouco afeto e ilusão de inferioridade, não estando presente no processo do luto, assim, ao esvaziar do ego gera uma perturbação de autoestima. Esse quadro manifesta no sintoma de insônia e na rejeição da alimentação, que Freud enfatiza ser incrível, entendendo que esse instinto faz parte da sobrevivência agarrar-se à vida, salientando que existe aqui um delírio de autopunição, (PEREIRA, 2021).

Dentro do contexto de pandemia, a saúde tem sido colocada à prova, não somente a saúde física, mas bem como a saúde mental. O afastamento brusco do

convívio social pode gerar quadros melancólicos e até mesmo de luto, ambos se diferem em alguns quesitos, no entanto, neste primeiro momento, ambos podem ser caracterizados, segundo Freud, pela sensação de perda ou afastamento de objetos na qual se tem uma relação de investimento de libido. Sabe-se que fatores ambientais têm forte influência nisso. O objeto querido a qual se destina a libido não é necessariamente uma pessoa, mas pode ser também um cargo de emprego, uma sensação de segurança, um relacionamento, ideias, ideais, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, pode-se concluir que foi possível ver que diante do contexto pandêmico, muitos sentimentos que é intrínseco do ser humano e suas complexidades vieram à tona. A morte, ou a perda de algo simbolicamente desejado, são uma delas. Ocasionalmente experiências vivenciadas pelas perdas físicas e simbólicas causada pelo covid-19. A pandemia trouxe muitas reflexões sobre a relação com o objeto amado e a finitude da humanidade. (SOUZA; HENDERSON; FREITAS, 2021).

Perante a perda, a libido que para Freud é um conceito de energia sexual caracterizada de maneira generalizada e indefinida que estão ligadas as funções vitais nas fases humanas mencionadas por ele (fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e a fase genital), o sujeito a qual está submetido a esse processo de perda, tenta se organizar de alguma maneira para lidar com a falta do objeto amado. Na melancolia especificamente, pode-se afirmar que além de ser um processo dispendioso, ele se caracteriza para além de um quadro clínico definido, sendo diferente em vários aspectos do processo de luto. A melancolia, apesar de ser um processo dispendioso, como dito acima, revela algo muito intrínseco, particular da natureza humana, que são as suas paixões.

A melancolia, portanto, muito além de um quadro clínico bem definido e a ser diferenciado dos episódios depressivos variados que dão notícias de nosso trabalho de luto cotidiano, é uma noção que traz à tona algo fundamental ao humano, às suas paixões. (KEHL; PERES; CARONE; MODESTO E CARONE, 2011 p. 237)

Sendo assim, a melancolia por outro lado se diz a respeito algo belo, pois só se é possível valorizar algo que sabe que pode ser perdido ou que em algum momento se perdeu, segundo Freud em seu texto “sobre a transitoriedade”, é exposto que por mais doloroso que possa ser, esse processo termina, e de maneira espontânea. Quando isso finalmente acontece a libido fica livre para ser investida em novos objetos de desejo. A respeito de todo o exposto elucidado no desenvolvimento deste artigo, é possível dizer que, é de suma importância compreender a dinâmica do melancólico, bem como as diferenças entre a melancolia e o luto. Visto que ambos têm características singulares, afetando o sujeito de forma distinta.

O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos. É de esperar que isso também seja verdade em relação às perdas causadas pela presente guerra. Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade (FREUD, 1916 [1915], p. 03)

Entende-se que o processo de elaboração da melancolia, é algo complexo e custoso. Falar sobre a abstração do objeto amado pode ser algo difícil para o sujeito, lidar e encarar a realidade dessa ausência. Pesando a partir desse ponto é possível dizer que o conhecimento sobre este assunto, pode ser o diferencial para o psicólogo no momento de diagnosticar, acolher e acompanhar o sujeito em seu processo de elaboração da melancolia, seja na clínica, ou em qualquer outro espaço onde a psicologia ocupe.

A manifestação do luto segundo Freud (1915), pode ser dada de uma maneira muito profunda, fazendo com que se perca a capacidade de adotar um novo objeto de amor, o interesse pelo mundo externo, bem como afastamento de qualquer tipo de atividade que não esteja ligada a quem faleceu, como uma espécie de devoção ao luto. Embora seja doloroso, o processo do luto tem seu valor e importância.

Com a leitura do texto “Luto e Melancolia”, de Freud é possível dizer que quando o objeto amado deixa de existir, há uma exigência para que toda aquela libido seja retirada daquele objeto que não existe mais, em primeira instância, essa retirada de libido sobre o objeto amado não é bem aceita, mas com o tempo, pouco a pouco é aceito.

Essa rejeição, oposição da retirada do objeto amado, pode ser tão grande que o indivíduo pode dar lugar a desvio de realidade e se apegar ao objeto amado por meio de uma psicose alucinatória, carregada pelo desejo do objeto amado.

É comum que a realidade prevaleça, há um desgaste de tempo e energia catexial, a medida em que as lembranças ligadas ao objeto perdido são evocadas, há um processo de hipercatexização, que realiza a desvinculação da libido ao objeto perdido, nesse processo há um grande investimento de energia para que tudo isso ocorra.

Ao contextualizar com a quebra de rotina da população atualmente; situação instável econômica dos países, que vêm gerando várias demissões; a falta de sensação de segurança, já que não se sabe ao certo até quando as coisas vão

continuar assim, e pelo medo em si da doença, podem ser considerados como fatores de afastamento e/ou perda simbólica dos objetos amados. Já que vários planos precisaram ser adiados, a organização de ideias e projetos precisou ser reestruturados, a população precisa se manter afastada, havendo um certo nível de perda afetiva. A sensação de frustração, de não capacidade para lidar com tudo o que está acontecendo também pode aparecer, causadas pela baixa autoestima, que Freud afirma ser uma característica da melancolia, que a difere a difere do luto.

REFERÊNCIAS

Kubler-Ross Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1969. Disponível em: <https://www.academia.edu/38814892/Sobre_a_morte_e_o_morrer_Elisabeth_Kubler_Ross>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde; disponível em: <https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html> Acesso em: 31 out. 2021.

CABRAL, Nelma; et al. Luto e melancolização na pandemia do COVID 19. Leitura Flutuante. **Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise**, [S.I], v. 13, n. 1, 2021.

CARNAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZA, Cláudia Camargo Arthou Sant'Anna; CUNHA, Samai Alcira. Luto em situações de morte inesperada. **PSIQUE**, [S.I] v. 1, n. 2, p. 43-51, 2016.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto e BONFIM, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicol inf.** [S.I], [online]., vol.17, n.17, pp. 87-105. ISSN 1415-8809, 2013. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092013000200007&script=sci_abstrac> Acesso em: 21 mai. 2021

CIOFFI, Luciana Maria Berardi. **Luto**: uma revisão de conceitos e sua importância no processo de psicoterapia. 2015. Monografia (Especialização em Psiquiatria) - Fundação Universitária Mario Martins, Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://www.mariomartins.org.br/site/wp-content/files_mf/1533214033TccLuto.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, [S.I], v. 23, p. 509-533, 2020.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a guerra e a morte**. Corvilhã: LusoSofia, 2009.

_____, Sigmund. **Luto e melancolia**, Academia, 1915. Disponível em: <https://www.academia.edu/41372634/FREUD_Sigmund_Luto_e_melancolia_pdf> Acesso em: 4 out. 2021

_____, Sigmund. **Sobre a transitoriedade**, Freud 1916 Online, Disponível em: <<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/transitoriedade-freud.pdf>> Acesso em: 4 out. 2021

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**.4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MENDES, Elzilaine Domingues; VIANA, Terezinha de Camargo; BARA, Olivier. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psicologia: teoria e pesquisa**, [S.I], v. 30, p. 423-431, 2014

MÜLLER, Taila Andressa Haschild. **Rompimento de Vínculos**: O processo psíquico do luto. Orientador: Sílvia Cristina Segatti Colombo. 2016. 34 p. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul – Unijuí, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4306/Taila%20Andressa%20hauschild%20M%c3%bciler.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 7 abr. 2021.

PEREIRA, Celso Venter. Os lutos real e simbólicos em tempos de pandemia da Covid-19 sob o olhar da psicanálise, [S.l.], 2021.

RIVERA, Tania. Luto e melancolia, de Freud, Sigmund., **Novos estudos CEBRAP**, [S.l.], p. 231-237, 2012.

SOUZA, Luiz Alberto de; HENDERSON, Guilherme Freitas. Testemunhos durante a pandemia: reflexões psicanalíticas sobre trauma, Estado, economia e morte. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v. 30, 2021.